

ENFERMAGEM, HISTÓRIA E EPISTEMOLOGIA

NURSING, HISTORY AND EPISTEMOLOGY

ENFERMERÍA, HISTORIA Y EPISTEMOLOGÍA

Paulo Joaquim Pina Queirós¹

Como citar este artigo: Queirós PJP. Enfermagem, história e epistemologia. Rev baiana enferm. 2023; 37:e53774.

A história é a ciência, por excelência, da cronologia. Não há história sem a abordagem temporal, pois a cronologia é inerente ao raciocínio histórico. Os conceitos operatórios de sincronia e diacronia vão nesse sentido, os quais permitem estabelecer linhas de continuidade e de ruptura, analisar simultaneidades e dessa forma aduzir influências múltiplas, longitudinais e transversais, explicitar as teias de que se fizeram os factos, de como se constituíram vivências e se estruturam ideias. A aproximação ao acontecido no passado e a sua análise interpretativa, necessariamente permite uma leitura mais informada e compreensível da realidade de hoje. Nos estudos históricos, a delimitação temporal é essencial, mas também é necessária a localização espacial em um continente, território, local ou contexto determinado.

É atendendo a estes pressupostos - espaço e tempo - que se constroem narrativas históricas, metodologicamente robustas, sem presentismos, sem leituras do passado à luz de valores e conceitos atuais, ou seja, sem anacronismos. Mas também, sem extrapolações e generalizações abusivas, a que acresce a necessária e possível objetividade assente no rigor das fontes das mais diversas tipologias.

Por outro lado, a epistemologia estuda as formas como o conhecimento é adquirido e seus princípios de crença e de verdade. A epistemologia procura clarificar a natureza do conhecimento das ciências e da diferenciação em vários ramos e disciplinas. Em sentido estrito, ela refere-se ao ramo da filosofia que se ocupa do conhecimento científico. Sendo assim, teoria do conhecimento e gnosiologia, são termos que lhe estão próximos, tendem a designar o mesmo e tem vindo a ser considerados sinônimos.

Facilmente aceitaremos uma dimensão cronológica no desenvolvimento das ciências no geral e no desenvolvimento de cada uma *per se*, ou seja, os saberes, os conhecimentos organizados de forma superlativa, constituíram-se em ciência, não de forma estática ou de geração espontânea, não inusitadamente, mas através de processos de aproximação, de inferências e comprovações, de acumulação de evidências e de operações de limpeza, de rupturas, de precisão e de concentração em objetos de estudo, finalidades e objetivos específicos.

Neste processo, assistimos as diferenciações e nascimento de novas disciplinas, saberes disciplinados. Neste seguimento, a ciência e as ciências são processos longos, temporais, de construção humana, evoluindo de forma não linear, como evolui qualquer aspecto da vida. O processo de construção

Autor (a) Correspondente: Paulo Joaquim Pina Queirós, pauloqueiros@esenfc.pt

¹Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Coimbra, Portugal. <https://orcid.org/0000-0003-1817-612X>

científica são processos históricos, em que os saberes se sintetizam, se concentram em função de enquadramento diacrônicos - com um antes e um depois, um contínuo ou uma rutura e sincrônicos – ao mesmo tempo outros saberes se diferenciam e autonomizam-se, sendo mutuamente influenciáveis, não existindo fora de um contexto específico.

Ao historiador da ciência, Thomas Kuhn, deve-se a epistemologia, não só o desenvolvimento do conceito de revolução paradigmática – os paradigmas e os metaparadigmas ou conceitos centrais – mas sobretudo a noção de temporalidade, de historicidade, no progresso da autonomização das disciplinas, ou seja, das diversas ciências.

Também, Gérard Fourez, numa perspectiva complementar, oriundo da sociologia, perspectiva a noção de construção – as ciências como construções humanas, ou seja, leituras humanas sobre o real existente, que não é em si esse mesmo real. Refere-se, por exemplo, a ideia de que existem rochas, mas não existe materialmente a geologia, esta é a construção humana acerca desse real concreto.

Com estas considerações, onde queremos chegar? Pensemos na enfermagem como ciência ou, se quisermos, na ciência de enfermagem. Sem a dimensão histórica cometemos a insensatez de afirmar que a enfermagem sempre existiu, quando a investigação em história da enfermagem nos diz claramente que o termo, a palavra, só surge na língua portuguesa de Portugal e do Brasil, na última década do século XIX, provavelmente não antes, e é importante dizer que encontramos até ao momento um primeiro registo em 1896.

Houve sim, um longo processo de profissionalização de uma atividade, ocupação ou ofício de ser enfermeiro ou de ser enfermeira, que em certa altura ganhou peso social significativo, de tal forma que foi necessário encontrar um nome para esse coletivo de pessoas dedicadas a essas ações, então sim, surge o termo enfermagem. Antes, havia enfermeiros e enfermeiras, que exerciam em espaços próprios - as enfermarias - mas a profissionalização que vem lentamente a desenvolver-se, ganha um novo impulso, acentua-se afirmando-se por essa época, finais do século XIX, com a criação do ensino formal em escolas, primeiro de enfermeiros, mais tarde de enfermagem.

Por outro lado, afirmar que a enfermagem é uma ciência, porque sim, não basta, terá de se introduzir a dimensão temporal na sistematização dos saberes de enfermagem, que se disciplinam e se diferenciam a um elevado nível, conhecimentos que se sintetizam com metodologia o que permite que sejam considerados ciência.

O trabalho de Suzanne Kérouac é seminal, no sentido da identificação no pensamento estruturado em enfermagem, em paradigmas sucessivos: paradigma da categorização, paradigma da integração e paradigma da transformação⁽¹⁾. A análise destes paradigmas permitem a perceção da evolução das diferentes conceituações de enfermagem, expressas em modelos e teorias, agrupadas genericamente em visões da enfermagem semelhantes.

Chegados a este ponto, facilmente somos levados a perceber duas coisas. A primeira delas é que as dificuldades, ainda hoje, de afirmação da enfermagem como ciência são resultantes de processos evolutivos específicos e não comparados com disciplinas/ciências milenares há muito estabelecidas no campo dos saberes científicos. Comparar hoje a medicina, ou o direito, à enfermagem, é querer comparar coisas em tempos de desenvolvimento próprio bem distinto. As primeiras vindas de percursos milenares de sistematização, apuramento e concentração teve a enfermagem com um caminho de profissionalização de apenas um século e de sistematização teórica, com alguma consistência só a partir dos meados do século XX, já no âmbito do paradigma da integração, aconteceu após os trabalhos de Virginia Henderson, Dorothea Orem, entre outras. Consideremos, então, ritmos e estádios de desenvolvimento, próprios de cada disciplina.

Por outro lado, a segunda consiste na compreensão de que não há uma única ciência, há ciências com métodos diferentes, eventualmente com aspeto partilháveis entre si. Com formas próprias e específicas de sistematização dos seus saberes, disciplinando-os de forma a constituírem-se em disciplinas

científicas. Aceitaremos como ciência todo o conhecimento metodologicamente construído, logicamente explicado, partilhado, replicável e sujeito a controlo pelos pares. Encontramos ainda no âmbito das ciências, pelo duas grandes epistemologias: a epistemologia positivista assente na racionalidade técnica e tecnológica e a epistemologia da prática assente na racionalidade prático-reflexiva. A discussão da filiação do conhecimento em enfermagem num destes grandes grupos epistemológicos está presente na construção teórica da enfermagem atual, permite a afirmação da enfermagem como ciência humana prática⁽²⁾.

A história permite perceber que os saberes desenvolvidos por enfermeiros e enfermeiras ao longo de séculos foram se organizando até terem de ser sistematizados para o seu ensino. Já não bastava a simples aprendizagem e passagem em contextos de trabalho, tornou-se necessário o ensino formal. Ao mesmo tempo ganhou consistência o grupo e surge o nome coletivo, enfermagem. Os saberes foram-se desenvolvendo e crescendo a especificidade e focalização em propósitos e objetivos. O processo de apuramento dos saberes enriqueceu-se metodologicamente, tornando-se compreensível, explicável e replicável para comprovação. Na enfermagem, após o movimento de profissionalização que durou séculos até aos finais do século XIX, surge, no século XX a afirmação científica e consolidação de saberes altamente diferenciados, apurados metodologicamente através de uma epistemologia da prática.

Quando a história e a epistemologia se juntam à enfermagem, os saberes desta área do conhecimento ficam mais compreensíveis e mais explicáveis. A história e a história da enfermagem, entrega a dimensão evolutiva e a compreensão transversal para a enfermagem de hoje. A abordagem epistemológica situa-nos no mundo real de construção de saberes, os quais são metodologicamente acertados numa ótica de respostas na saúde, no bem-estar e na doença, aos desafios da sociedade, de comunidades e de pessoas, clarificando o propósito desta ciência humana prática, a saber, facilitar os processos de transição tendo em vista a saúde e o bem-estar⁽³⁾.

Ancorados numa perspetiva histórica, compreendemos a diferenciação do saber em enfermagem, do seu provir e evoluir, da sua justificação científica como conhecimento organizado, situado num momento pós-abissal do desenvolvimento do conhecimento universal. Ou seja, de aproximação de saberes científicos de outros saberes, numa tão necessária convivência ecológica travando o enorme epistemicídio, característico do pensamento moderno e pós-moderno⁽⁴⁾. A enfermagem explicando-se por padrões de conhecimento seja o empírico, ético, estético, pessoal, emancipatório, sociopolítico, contexto, pode construir a sua narrativa epistemológica em torno do conceito - enfermagem uma ecologia de saberes⁽⁵⁾.

E por aqui vamos na construção humana da ciência de enfermagem.

Colaborações

1 – concepção e planeamento do projeto: Paulo Joaquim Pina Queirós;

2 – análise e interpretação dos dados: Paulo Joaquim Pina Queirós;

3 – redação e/ou revisão crítica: Paulo Joaquim Pina Queirós;

4 – aprovação da versão final: Paulo Joaquim Pina Queirós.

Conflitos de interesse

Não há conflitos de interesse.

Referências

1. K rouac S., Pepin J., Ducharme F., Duquette A., Major, F. La pensée infirmi re. Laval-Québec: Éditions  tudes Vivants; 1994.
2. Kim H. The Nature of Theoretical Thinking in Nursing. 3. ed. New York: Springer Publishing Company; 2010.
3. Meleis A. Theoretical Nursing: Development and progress. Philadelphia: Wolters Kleiwer; Lippincott William & Wilkins; 2012.
4. Santos B. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Revista Crítica de ciências Sociais. 78; 2007. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004
5. Queirós P. Enfermagem uma ecologia de saberes. Cultura de los Cuidados. 20(45), 137-146; 2016. Available from: <http://dx.doi.org/10.14198/cuid.2016.45.15>.

Recebido: 31 de março de 2023

Aprovado: 3 de abril de 2023

Publicado: 22 de maio de 2023



A Revista Baiana de Enfermagem utiliza a Licença Creative Commons - Atribui o-NãoComercial 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Este artigo é de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons (CC BY-NC).
Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais.
Embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais,
os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.